

CORREIO

DAS



JORNAL CRITICO E LITTERARIO

DAS MODAS, BAILES, THEATROS, ETC.

*Tout change, la raison change aussi de méthode,
écrits, habillements, système, tout est vuide.*

1839.

VOLUME PRIMEIRO.



RIO DE JANEIRO,

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT,

RUA DA QUITANDA, N.º 77.

1839.

PUBLICA-SE

TOUROS.

SABADOS.

1 numero com gravura.

ANNUALIA

R\$. 25000. a Cartada

por Annono.



ASSIGNA-SE

DE L. CARLOS

N.º 11, LAF. S. M. L.

BRASIL.

Rua de S. Antonio.

N.º 11

Rua de Janeiro

CORREIO DAS MODAS,

JORNAL CRITICO E LITTERARIO

DAS MODAS, BARRES, TENDAS, ETC.

Tudo o que se escreve neste jornal de modas
é de responsabilidade do editor.

MODAS.

Tendes enfim, amaveis leitoras, um «Jornal de Modas» de que estava em fallencia o Rio de Janeiro e as outras Provincias. — O dezojo que temos de agradar-vos, obriga-nos a vencer muitas dificuldades. Pois que! julgais que não é tarefa importante o escrever para o bello sexo a quem a natureza largueou uma infinidade de gostos variadissimos? — Entrai em um formoso jardim no qual Flora alardeia toda a sua riqueza, vereis flores muito mimosas, porém notareis uma prodigiosa diversidade d'ellas; pois bem; assim são tambem os pensamentos, gostos e inclinações das Senhoras. Ora, que trabalho não tem um pobre escriptor para apresentar uma combinaçã que infunda um prazer geral!! Contudo, um successo vosso, um elogio, uma proteção decidida, — eis a nossa maior recompensa. Teci-nos uma grinalda de rosas, de amores perfeitos, de perpetuas, sentiremos um prazer tal que para ser ex-

pressado de certo não encontraremos em lingua alguma os termos necessarios: — eis a nossa ambição e a nossa gloria. Se esta esperança deixasse de embalar-nos, amaldiçoariamos todas as Modas, embora ficassemos extaticos, embora o nosso coração palpitasse mais vehemente na presença de uma Senhora trajada no rigor da Moda.

Cravai, minhas leitoras, os vossos bellos olhos na gravura que acompanha o nosso Jornal.... Tende alguma de vos a bondade de a contemplar e observar, de certo direis: — «Oh! si eu me trajar assim hei de ficar mais bonita.» Nós vos affirmamos que não há coiza mais facil. — Dai-me atençã, pois vamos fazer a descripçã da gravura.

Principiaremos pelo elegante e singello penteado. Este tem um ar de novidade muito relevante porque não demanda o socorro de M. Desmoulinis, de M. Jaganil, etc., porque uma Senhora pode perfeitamente executá-lo. As traças devem ser muito bem feitas.

— Que ar gracioso dá a uma physionomia um tal penteado! Assenta bem em o rosto de uma morena ou de uma loura onde brilhem olhos que sejam um cêo de viveza ou de ternura; mas é necessario que elle seja arredondado; poucos são os restos compridos que se agitam a um tal modo de pentear. Que realce não lhe dá umas rozas collocadas da maneira que apresenta a gravura!!! Estes penteados são propriamente à Grega; alguns bustos e retratos de Gregas o patenteiam.

O vestido é de *Mousseline* branca com bastante rôda; as mangas no alto têm tres ordens de fôlhos muito bem trabalhados, sendo a primeira ordem mais pequena que as outras. Os punhos são justinhos, compostos de tres fôlhos com pregas minutas delicadamente trabalhadas. O cabeção pode ser da mesma fazenda, ou então de uma qualquer adequada e bordada, porém o recortado deve ser semelhante ao da gravura por ser muito mais elegante. Um presilhão de oiro no meio corôa o brilliantismo. O corpo do vestido é todo cheio de pregas ao comprido; e esta lembrança é muito feliz porque encêla muito mais, e desterra a mania dos corpos de vestidos lizos. A mimosa cintura é cercada por uma larga fita de garça côr de rosa que vai muito bem; pois esta côr e a branca parece que são destinadas pelo bom gosto para andarem unidas. — Nada de fivellas já tão vistas. Os Vestidos podem ser de outras côres, sejam todavia do feitio da gravura, porque ficam muito à *fashionable*; haja porém sentido nas combinações das côres o que é essencialissimo.

Adoptem as Senhoras esta moda que captivarão todos os corações.

Ha dias houve uma *partida* a que tivemos a honra de assistir. Muitas Senhoras estayam vestidas de maneiras diferentes; — entre ellas havia uma

exactamente trajada no gosto da gravura. — O que aconteceu? Foi ella atrahir a attenção geral. Todas as pessoas diziam: — « Como está encantadora, como está bella!!

Vede pois, amaveis leitoras, si temos razão.



A BISSA DO GALLO!!

LEGENDA BRASILEIRA.

En penseira a sa voir, le monde a ses amours.
D'ARISTOCRAT.

I.

No anno de 1775 existia uma grande e formosa fazenda, arredada da cidade de S. Paulo uma legoa. Carlos, seu proprietario, tinha unido os seus destinos á gentil Izabel dando-lhe a mão de esposo. Como poderia elle resistir aos encantos e infinitas graças largueadas pela natureza a sua consorte, cuja voz, semelhante á de uma virgem no seu primeiro hymno da infancia, arroubava-lhe os sentidos, e cujos olhos pretos, que scintillavam ternura, faziam seu coração sentir emoções para que os homens ainda não inventáram termos que lhes correspondesse em energia ou doçura?! Em uma palavra, quem visse Izabel immovel a tomaria pela estatua da perfeição, producto da imaginação brilhante, e do delicado trabalho de um grande escultor. — Carlos era infeliz! Aquella, por quem dera a vida, com um sorriso angelico que lhe roçava a pequenina boca, semelhante a um mimoso botão de roza; aninhava em seu peito o demonio da perfidia.

Ella trahia a seu Marido.

Em uma das noites précedentes ao Natal, o Genio das tempestades envolveu o Ceo em seu denso manto; — a escuridão era total. De quando em



quando espalhava relampagos que doiravam momentaneamente as trevas, para depois darem relevo á sua tenebrosa côr. O trovão roncava e dava hercos tremendos, o vento zudia, o firmamento desabava-se em chuva.

Que scena horrorosa e ao mesmo tempo sublime!!

Quem é aquelle que coberto com um largo e agalado poncho, tendo na cabeça um grande chapéo, e na mão uma espada desembainhada, monta um soberbo giucte que vai a toda a brida?

Quem será? — É Carlos que se dirige á casa de Adolpho, que perto tinha uma linda vivenda em que habitava.

Se alguma o visse a taes deshoras o consideraria como algum Anjo exterminador vomitado pelo Inferno. Sim! elle ia realizar uma obra do Inferno contra Adolpho; — contra o amante de sua consorte.

A tempestade serenou, e Carlos depois de quatro horas de caminho rapido entrou por uma vivenda dentro.

Não se sabe o que por lá aconteceu, o facto é, que Carlos voltou no fim de dois dias.

A sua espada estava lambada em sangue.

Chegado á sua habitação, ao apôitecer, chamou um pequeno escravo a quem muito estimava; depois de lhe ter dado algumas moedinhas de prata, fallou-lhe assim:

— Diz-me, André, uma couza: não me mintas. O que fez tua Senhora, depois que me auzentei?

— «Depois que Vm. sahia d'aqui?»

— « Sim,

— «O que vi foi hontem ella conversar com um moco a quem ella dizia: Meu querido Adolfo! meu querido Adolfo!

— « Tu mentas, negro! replica Carlos irado. E depois disse consigo mesmo: — Que! o tumulto farga a sua presa!

— Olhe! Vm. pensa que eu estou mentando? Me por signal, minha *senhor* me deu um cartucho de amendoas para eu não contar nada a Vm., e quando o moco foi-se embora disse para *si*phá: — Na hora da Missa do Gallo!!

Silencio profundo reinou entre os interlocutores, até que Carlos o rompeu dizendo ao pequeno André:

— Vaíte embora; porém não digas á tua Senhora o que te perguntei.

O Creolinho foi saltando brincando.

Esta scena se tinha passado no quarto de Carlos. Este achando-se só, *si*nho esteve muito tempo pensativo até que olhando para o seu leito, de subito deu um grande grito, exclamando: — Sim! maldição do Céo te periga, mald... ..

Caheu desmiñado.

Amimosa Paulista que vinha fallar com o seu marido, abriu a porta e viu com o triz de espectaculo, que ella nem sonhava ver. — Meu Deus!! e lançou-se sobre o corpo do seu marido.

Carlos tinha visto o phantasma consanguentado de Adolfo.

II.

ESTREMECEM-SE POR UM
C. GALLO.

Era o dia 24 de Dezembro de tarde. Os dous consortes estavam na janella contemplando a gente que vinha de diversos pontos para assistir á festa da Cidade. Um queria por fôr as caricias fazer com que o outro acreditasse na sua fidelidade; e este, estando certo de que os vermes serpejavam, dentro do tumulto, sobre o corpo do seu inimigo, ansioso aguardava a fatal hora da meia noite.

— Tu, Carlos, não vais á Missa do Gallo? lhe disse a bella Izabel.

Carlos estremeceu.

— Á Missa do Gallo!!..... — não; não. Izabel ficou pallida. Oh! se a

visseis, então julgaríeis vêr diante de vós a própria afflicção com todos os seus dolorosos sentimentos.

Ella logo projectou mandar remover toda a malta de cães de fila para o fundo da fazenda, para não ladrarem quando Adolfo entrasse; lembrou-se, fóra do seu costume, em propria ir fechar as portas afim de conservar a da sala com volta falsa. Miseravel! treme!!..... Depois que estas considerações em seu espirito se fixaram para ao depois tornarem-se realizadas, pegou na sua viola e principiou a tocar um *tombé* muito triste: lembrou-se outra vez de Adolfo.

N'esse momento todas as cordas da viola arrebutaram.

Carlos deu uma gaguejada semelhante á de um condemnado; e Izabel retirou-se muito assustado.

Carlos e Izabel entretiveram-se com diversas occupaões até ás onze horas da noite.

Poucos momentos depois reinava um profundo silencio que de quando em quando era quebrado pelos grandes gemidos que Carlos dava.

Dá meia noite! é a hora da Missa do Gallo!!

Izabel! alegra-te. Teu esposo dorme profundamente; elle proprio queria presenciar a scena terrivel dos teus amores, porém uma força occulta com mão de ferro fecha-lhe as palpebras.

Izabel levanta-se; e nesse mesmo instante viu diante de si o seu joven Adolfo.

— Adolfo! Adolfo! retira-te; lhe diz em grande afflicção a perfida Izabel.

— Por que? lhe responde o seu amante.

— Meu marido!!

— Teu marido!! Esse não accorderá, socca.

— Tu estás tão pallido, e com uma voz tão sepulcral!! lhe disse Izabel assustada olhando sempre para o seu marido.

— Izabel! o Céu perdoa todos os crimes, menos o adulterio. Carlos transpassou-me o peito com a espada (e mostrou seu peito ensanguentado) porém lembra-te que o adulterio é grande crime; e para não te esqueceres recebe este signal.

Dizendo isto poz a mão esquerda aberta sobre a face direita de Isabel. Esta deu um grande grito como se tivesse sentido um ferro em braza.

Carlos não accordou. Izabel em lugar de Adolfo vê diante de si um phantasma ensanguentado! Oh! piedade! piedade! grita ella; Carlos, Carlos valei-me! dizendo estas palavras cahiu desmaiada.

O phantasma retirou-se: as portas e as janellas da vivenda batteram ao mesmo tempo: o leito em que Carlos dormia soffreu grandes impulsões.

O phantasma era a sombra de Adolfo que tinha morrido assassinado ás mãos de Carlos.

Dois annos depois havia uma religiosa em um Convento da Cidade: era o modelo de todas as virtudes; trazia sempre a face direita para esconder o signal de cinco dedos n'ella estampados.

Era Izabel.

Ao pé da porta do convento ouvia-se, alta noite, uma voz rouca gritar: A' Missa do Gallo!! — Era Carlos que andava doido.

M. da C.

MIXTAS AVENTURAS

NA VESPERA DE REIS.

Escrever para um periodico de modas!... oh! que felicidade! ter um circulo de leitoras, que todas querem saber quem é o individuo que as divertê para recompensal-o com um sorriso, ou, o que é muito natural, quem é o maldito que lhes excita enxaquecas,

attaques de nervos, não humor em fim, para fugir d'elle, para evitar-lhe a conversação, é viver no paraizo, por que, saldadas as contas, o escriptor é conhecido, falla-se d'elle, — e é uma ventura ser o objecto do entretenimento das damas. Que me importa que o casmurro politico desdenhe meus escriptos, absorvido sempre em sublimes concepções que nunca se realisarão? que me importa que o exacto negociante me despreze, porque lhe não fallo em cambios, fretes, preços correntes, etc.? que me importa que o lavrador atire para o lado o elegante jornal, porque eu lhe não ensino em que mez deve plantar seu café e colhe-lo, qual é o remedio para curar vantajosamente seus animaes? Abhorreço a politica, odio a arithmetica e os jogos das praças commerciaes; a veterinaria para mim não tem encanios, e ainda menos a agricultura. Desprezaim-me; — vós não formaes meu círculo, o círculo cujos favores me serão charras: — vossos despresos, vosso abhorrecimento, vosso odio não me fazem móea, só desejo, só anhele ver o Correio das Modas sobre o toucador da tímida donzella, que vendo minha assignatura, perguntará a seu irmão, si o tiver, ou a sua amiga, quem sou eu; pedirá a todos, que lhe mostrem minha pessoa!

A moda é uma divindade mysterioza; ora se ostenta grave e severa, ora galhofeira, folgasona e desleixada; caprixeza em seus decretos, é o transumpto do coração do homem, reprova o que adoptou, adopta o que reprovou. A moda tem seu culto, tem seus sacerdotes; tem exercitos; é travessa, chocarreira, conquista, e é por natureza invasôra. Oh! quem não vive sob o dominio d'esta poderosa rainha do universo! haja alguem que se não queira dobrar ao seu jugo, e ella se vingará

com o ridiculo. Si não fóra a moda não haveriam antiguidades, porque então nada seria velho, e as nações se veriam sem os perguminhos, que attestam suas lutas e conquistas: si não fóra a moda não haveriam progressos na industria, nas artes e sciencias; tudo seria estabilidade completa e absoluta.... Mais longe iria eu si por ventura quisesse dissertar a respeito da moda, e nunca me passou pela cabeça fazer uma dissertação, que, em qualquer genero, é sempre coisa detestavel. Minhas aventuras em uma vespera de Reis, tal é o meu proposito, o mais foi uma digressão de que me não pude dispensar na alegria em que nadava por verme escrevendo para um periodico de modas, e poder apregoar-me um sacerdote da grande Deosa.

Qual de minhas leitoras não viu ainda as folganças, que se costumam fazer na vespera do dia, em que a christandade celebra a vinda dos tres Reis Magos á cidade onde nasceu o Messias? Os prophetas tinham predito o nascimento do Filho de Deos, e por tal arte haviam descripto os phenomenos precursôres do natalicio de Jesus, e com tanta unecção, que os tres Reis Magos não se poderam esquivar á verdade do que se predizia, e logo que se certificaram da existencia dos phenomenos, posêram-se em marcha com toda a gravidade e carregados de presentes dignos d'elles, que eram Reis, e do Deos menino a quem iam offerthal-os. Ora, em commemoração de tal facto, os christãos costumam na vespera do Dia de Reis sair á noite e ir por as casas de amigos e conhecidos *cantar os reis*, e em troca de tangeres e tocares as casas abrem-se, formam-se engraçadas e ligeiras danças, e por fim ceia-se regaladamente, que é o principal da funcção. — Descritos que nós somos! os Brasileiros das capitães vão-se

torcendo tibios na fé, e já esse divertimento de nossos maiores. — divertimento innocentissimo. — tem sofrido reiterados e desapiedados golpes! todos nos concentramos em nossas casas, o que pode attribuir-se á desconfiança geral que lhyra, e que faz ver perigos onde realmente não existem.

Felizmente não tenho vivido sempre no Rio de Janeiro, e por mim mesmo tenho podido avaliar nas provincias o espirito do povo, seus usos, hábitos e costumes. Como apreciará o Rio de Janeiro, a bella capital do Imperio, o sol que gyra brilhante na grande orbita da civilização, dando luz a dez-e-sete planetas, que reconhecem sua primazia, a despeito de tudo, quem não tiver sahido das ruas da capital, quem se tiver habituado aos prazeres, que offerece a côrte?! Não quero porém dizer, que nas provincias não hajam divertimentos, que n'elles se não gosem prazeres de mais d'um genero, antes pelo contrario, si a côrte é mais refinada em taes materias, as provincias são mais francas, gosa-se de maior liberdade, ha mais abandono. Por exemplo, na vespera de Reis, nas provincias, é tudo movimento; uns ensaiam as cantilenas, que serão a chave para abrir as portas, e outro para pagar as cêias; outros, que não querem estar desprevenidos, occupam-se em preparativos para não ficarem mal: este prepara uma surpresa, aquelle compõe uma quadrinha para cantal-a á porta d'alguem forreta, que nunca deu em sua casa mais do que agua, e asseguro-vos, que o não trata como amigo.

Eu estava fóra do Rio de Janeiro no anno de 1831, e vivia por este tempo vida de inercia, — vegetava, não vivia, — e via com olhos invejosos os preparativos, que se faziam para a noite de Reis, certo que nenhum dos seus prazeres seria para mim. Igual sorte espe-

rava um meu amigo, rapaz de muita viveza, que fazia versos, dançava, e cuja conversação era cheia de pica e graça: queixavamo-nos de nossa futura solidão, e parafusavamos, revolviamos na mente os meios, que nos poderiam agregar a alguma companhia de cantôres. Ambos nós tinhamos amizade em uma casa de familia respeitavel, e como ali se fallasse na primeira noite de Janeiro, estando nós presentes, do prazeres da noite dos Reis, o meu amigo propôz, que sahíssemos n'essa noite e fôssemos cantar por algumas casas, que nos não deixariam na rua. A proposição foi applaudida, porém tudo nos faltava: Eugenio encarregou-se de tudo; fez os versos, pediu a um amigo, amador, que os pozesse em musica, e tratamos do ensaio.

Não há coisa mais desagradavel em taes occasiões do que não ter alguma talento com que se possa concorrer para a funcção; fica o individuo como uma exerescencia, que afêia a reunião, ou como herva parasita, que vegeta com a nutrição alheia. Ah! quanto então lastimei não saber tocar algum instrumento, ou solfejar algumas escalas! Eugenio disse-me, que eu servia, em falta, para algum par de contradança, porque, aqui para nós, eu não sei dançar. Apesar d'isso eu assistia aos ensaios, e como o sujeito a quem Eugenio encarregára de cantar o baixo não satisfazia, porque, dizia elle, ficava sem voz e não se ouvia nas ultimas notas d'uma oitava baixa, não havendo tempo de emendar a musica, lembrou-se o meu amigo de admittir-me como baixo. Ora, não é para gabar-me, eu tenho uma voz cheia, e forte, e si houvesse aprendido musica estava talhado para um perfeito cantôr, si não tivesse o defeito, pequeno sem duvida, de desafinar um pouco e de tomar, quando canto com outros, o tom em que elles

cantam; este defeito porém não foi reparado nos ensaios, por que eu empregava todo o cuidado para bem desempenhar minha obrigação. Eugenio não tinha ainda procurado o instrumental, que devia acompanhar-nos, e só no dia quatro se lembrou d'isso. Infelizmente só achou um máo rebequista, um peor flautista, e elle encarregou-se de acompanhar com a viola, instrumento que tocava pessimamente: todavia como o acompanhamento era de facillima execução, o nosso projecto ia menos mal, e nós esperavamos, que a acção nos daria fogo e enthusiasmo. Foi o enthusiasmo e o fogo que nos perdeu a todos, e a mim principalmente!

Eis-nos em marcha: na frente Eugenio tinha collocado os dois musicos, a quem elle chamava perfectissimos amadores, no centro iam os cantores, que eram quatro, contando as duas filhas do sujeito em cuja casa haviamos ajustado o plano, e fechava a marcha o mesmo individuo e sua chara metade. Eugenio parecia-me um general na occasião de principiar alguma batalha, elle fallava a todos, a todos animava. Finalmente chegámos a uma porta onde deviamos dar o nosso primeiro descante: Eugenio fez bulla na viola, e nós sentimos, que a familia estava a pé e nos prestava toda attenção. Afináram-se os instrumentos, e nós principiámos a gargantear; no fim da terceira ou quarta quadra que cantámos, vimos abrir-se uma janella, e uma preta disse-nos, em sua meia lingua, que os senhores não estavam em casa.

— Culpados somos nós de gastarmos nossa cêra com tão ruins defuntos, disse Eugenio; si eu não viesse com senhoras diria duas palavras as janellas d'este *ginja* com algumas pedras. Vamos adiante.

Nós tinhamos nosso itinerario marcado e continuámos nossa marcha. Eugenio notava-nos os erros que haviamos comettido, e dizia-me: — Canta com alma, solta a tua voz, não tenhas susto; — ao rebequista dizia: — Deite resina no arco, e acompanhe o estrebillo fazendo *pizzicato*; — ao flautista mandava fazer um arpojo em certo lugar, por assim agradar mais ao ouvido. Chegámos á segunda casa, onde deviamos cantar, e Eugenio, depois de reiterar seus preceitos e conselhos, deu o signal de principiarmos.

Cantámos admiravelmente: é verdade que eu as vezes desafinava um pouco, e então Eugenio dizia-me: — Vê que estás desafinado; — outras vezes eu tomava tom differente do meu, mas voltava a elle logo que Eugenio me dizia: — Olha que tu és baixo. — Abriram-se todas as janellas e toda a familia veio escutar-nos com attenção: então enthusiasmámo-nos e cantámos verdadeiramente bem. Convidáram-nos para entrar, e nós aceitámos o convite, que era justamente o que queriamos. — Viva Deos! exclamou Eugenio, ainda ha bons christãos no mundo! Feitos os primeiros cumprimentos, Eugenio tratou logo de arranjar uma contradança, mas os malditos musicos não sabiam tocar alguma.

(Continuar-se-ha.)

O AMOR PERFEITO.

Um amor perfeito!!... oh! amáveis leitoras parece uma existencia imaginaria. Vós em quem a natureza tanto se esmerou ornando o vosso coração com uma sensibilidade exquisita, não sereis capazes de consagrar um amor perfeito!? — Não; quasi todas as Senhoras são inconstantes: é grande tom!!! — Vossas juras, vossas promessas são escriptas em folhas que o vento leva, em areia que o mar, emblema da

inconstancia, lambes: — sois borboletas de lindissimas côres que repoizam em todas as flores.

A natureza errou uma florinha bella e mimosa, que reúne em si o rouxo, emblema de um ciúme ardente; o amarello, representante da desesperação; o verde, signal da esperança. — Ella é tão modesta, mas tão bella! — Os homens deram-lhe o nome de amor perfeito. Pois bem; essa denominação é inexacta; — procurai n'ella a côr emblema da constancia, não a achareis. Oh! amaveis leitoras, parece que um amor perfeito é uma existência imaginaria! — Mas quem sabe!!

Prestai attenção aos seguintes versos de um vate cego, porém divino: elles são dedicados a um

AMOR PERFEITO.

Roxa florinha engraçada,
Que tens o nome de amor,
Que da mimosa ternura
É o emblema encantador.

Quão longe da terra planta,
Da tua extremosa mão,
Duro a ti, a mim propicio
O Fado trazer-te vem!

Orfãzinha abandonada,
Não mais teu jardim verás.
Co'as outras amigas tuas
A brincar não torrarás.

Do clarão da argentea Lua,
Do pranto da madrugada,
Do Sol benigno, de tudo,
De tudo foste privada.

A formosa, a terra Julia,
(Venus minha, e tua Floca)
Sem os extremos desvelos
Não te dará, como out'ora.

Nunca mais verás seus olhos
Estar-se no seio teu;
Para sempre cecia banida
Longe de todo o que é tu.

Mas não o tar vivera contigo;
É sempre assim vivires;
Nunca mais sobre o meu peito,
Junto ao que é d'ella nada estares.

Não, não so junto ao que é d'ella,
Tens maior satisfação;
Porque ella vive aqui mesmo
Dentro do meu coração.

Desterrada innocentinha,
Es tão feliz como bella,
Junto d'elle te erraste,
E has de morrer junto d'ella.

Bem que euja a fronte ás Graças,
E a Venus a Idália rosa,
Tanto te cede em ventura
Como te cede em formosa.

Linda flor, que no meu seio
Vais ter continua morada,
Amigosa mensageira
Do affecto da minha amada.

Quando a mão do tempo avião
De todo te desfizer,
A tua gloria em meus versos
Eterna farei viver.

À sombra de Pafios myrtos
Entrelaçados com arte,
Um tumulo pequenino,
De alvo jaspe irei sagrar-te.

Sobre elle em uma apertada
Tens restos esconderei;
É um choroso Cupidinho
A abraçar a juntarei.

Para saber-se quem foste,
Has de a minha gratidão
No monumento da morte
Gravar saudosa inscripção.

- Como aquelles que eu servia.
- Respeitam a fé jurada;
- Pobre flor, eu vim tranquilla
- Dormir no seio do nada.

CHARADA.

Nunca amor está sem mim, — 1
E sem mim nem mundo houvera. — 4

Só enaso saudade e pranto
Que nos amantes desespera.

Advinhar. — Emfim no seguinte numero daremos a solução da charada.

Alas amaveis leitoras.

